

5

TRAJETÓRIAS de corpos negros que contam, cantam e dançam!

[Artigo 5, páginas de 74 a 81]





Kelly Adriano de Oliveira

Profa. dra. em Antropologia Social. Mulher, negra, paulistana, pesquisadora, educadora, gestora cultural. Gerente adjunta da Gerência de Ação Cultural do Sesc SP

kellyadriano@sescsp.org.br

Fabiano Maranhão

Prof. mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Com pesquisas sobre jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras, corporeidade negra e educação das relações étnico-raciais. Assistente técnico da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc SP

maranhao@sescsp.org.br



... E que tem sonhos, como a velha baiana... que foi passista, brincou em ala, dizem que foi o grande amor de um mestre sala ... ('Para tudo se acabar na quarta-feira', Martinho da Vila)

A potência dos sonhos, envolvidos em cada possibilidade de se reconhecer e ser reconhecido, a potência da oportunidade de experimentar, saber, crescer, conhecer, ensinar e aprender com o passar da vida, no universo das manifestações culturais, artísticas e de religiosidades afro-brasileiras, é amplamente marcada e alinhada com a expressão "nossos passos vêm de longe", muito utilizada no âmbito das reflexões sobre os feminismos negros, e "não mexe comigo que não ando só", utilizada no contexto das religiosidades de matriz africana, ao referir-se aos orixás e mesmo aos ancestrais. Essas expressões são pontos de partida para olhar, de modo atento e sensível, as diferentes sinalizações das permanências e presenças de longa duração, marcos fundantes nas diásporas espelhadas nas tradições africanas. Parafraseando Rodrigues (1996) apud Oliveira (2006):

*Não é de minha boca. É da boca de A, que deu a B, que deu a C, que deu a D, que deu a E, que deu a F, que deu a mim.
Que seja melhor na minha boca do que na dos meus Ancestrais.*

As narrativas vividas pela população negra no Brasil são múltiplas, poderíamos percorrer o caminho da dor, da memória de infindáveis humilhações, mas optamos por narrativas e resgate da trajetória de gestos largos ou miúdos de resistência, de tecnologias sociais que mantêm vivo o legado ancestral africano, que restauram a humanidade, sobretudo das negras velhas.

A longa duração destaca diferentes articulações possíveis e diferentes formas de participações de velhas e velhos em vários ambientes, e, especialmente, no caso desse artigo, nos âmbitos das cosmogonias negras, pautadas nas formas de ser e estar no mundo, no ambiente das práticas culturais, artísticas e religiosas carregadas de afro brasilidades, atravessadas por marcadores sociais de geração, gênero, raça e classe.

Essas articulações são fundantes das diversas manifestações, e possibilitam que velhas e velhos vivenciem a experiência de uma mobilidade etária amplamente participativa, atravessada por noções de sabedoria, vivência, conhecimento, reconhecimento e respeito, passando pelo tempo de forma atuante e protagonista.



Essas articulações são fundantes das diversas manifestações, e possibilitam que velhas e velhos vivenciem a experiência de uma mobilidade etária amplamente participativa, atravessada por noções de sabedoria, vivência, conhecimento, reconhecimento e respeito, passando pelo tempo de forma atuante e protagonista.

Essas percepções trazem uma noção de tempo expandido e contínuo, sem fragmentações ou rupturas, carregado de afazeres e construções coletivas como acúmulos, adquiridos ao longo das trajetórias de vida, em participações simultâneas de aprendizados e trocas de conhecimentos entre todas as idades, desde o nascimento, desde pequeno, crescendo junto, envolvido em memórias, histórias, éticas, estéticas e poéticas das vidas.

Levando em consideração que "a função social do velho é lembrar e aconselhar" (Bossi, C. In. Memória e sociedade, 1998. Pg. 18), pode-se afirmar que o candomblé, os quilombos, as irmandades e as diferentes expressões culturais foram e são importantes núcleos de mobilização sociopolítica no decorrer da história. Segue relato da Mãe Neide, Ialorixá:

Eu, mulher negra, passei por alguns percalços, sofri muito com o racismo e com o machismo, mas a gente aprende a superar. Hoje, eu velha, não tive dificuldades por conta da idade, a ancestralidade me ensinou a superar as dificuldades, com ela aprendi a essência do respeito, aprendi a ensinar e praticar o respeito aos mais velhos, isso me deu muita sabedoria, e estou tentando e acho que conseguindo passar para minha família, meus filhos, para minha comunidade. Ser idosa nunca foi um problema para mim, porque eu já estava esperando por isso. Por eu participar da tradição do Candomblé, a gente tem o equilíbrio de saber como agir, como fazer... Graças a Olodumare, graça a Oya meu Ori, eu tenho uma família maravilhosa, tenho três filhas, muitos netos que me dão uma força, uma alegria, porque estão sempre comigo. Acredito que consegui passar para elas tudo aquilo que passei, que aprendi e hoje sou feliz por isso. No auge dos meus 76 anos, aprendo mais a cada dia, pego um pouco mais de experiência e é esta experiência que tento passar para frente com muita paciência. A paciência vem ser o remédio. Sou uma idosa muito tranquila sou rodeada de pessoas que me fazem

bem, e tudo o que eu faço, é com a maior alegria e satisfação. Gosto do que eu faço, aproveito também os passeios com meus filhos e netos, aproveito cada momento, cada instante, pois a vida é curta, passa rápida, a gente não sabe do nosso tempo, então temos de aproveitar os melhores momentos da melhor maneira possível, temos de ser feliz, gostar do dia, gostar das pessoas, amar o que faz, amar as pessoas, isso faz muito bem, faz bem pra gente.

Em terreiros de umbanda, religiosidade brasileira de matriz africana, pretas e pretos velhos são as entidades mais respeitadas em uma hierarquia de tempo de vida e aprendizado, pelo elo que representam com a África, evitando descontinuidades, fragmentações ou rupturas desses tempos em comum, carregando em seus corpos arcados, em suas falas com sotaques e expressões originárias e originais, o respeito por suas falas e escutas como sábios, oráculos e conselheiros; nas escolas de samba, a velha guarda possui esse nome, por representar a guarda de conhecimentos e sabedorias, que deverão ser transmitidos pela vivência conjunta entre todas as pessoas, de todas as idades, que frequentem aquele território cultural, com suas oralidades, músicas e danças, que constroem narrativas comuns carregadas de sentidos. Também nas escolas de samba, como em outras associações, as negras velhas, as baianas, são um exemplo muito contundente dessas articulações de respeito às tradições, remetendo à nobreza de guardiãs de tradições como o samba, o jongo, o lundu, os lamentos, os cânticos de trabalho, os congados, moçambiques, maracatus entre outras expressões culturais, que funcionam como verdadeiras tecnologias de sobrevivência perante os processos permanentes de racismo e preconceitos sofridos na sociedade brasileira, antes, durante e depois da escravidão que, no Brasil, durou mais de 300 anos e que permanecem, mesmo agora, 130 anos após sua abolição, neste que foi o último país das Américas a abolir a escravidão.



Em terreiros de umbanda, religiosidade brasileira de matriz africana, pretas e pretos velhos são as entidades mais respeitadas em uma hierarquia de tempo de vida e aprendizado(...)

São fundantes e fundamentais os papéis sociais que velhas e velhos desempenham nas manifestações artísticas, culturais e religiosas de tradição africana, apontando para uma valorização ao colocá-los como "a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponte onde o passado se conserva e o presente se prepara" (Bossi, E. idem, p. 18). Nesse contexto, pensando na centralidade do corpo dentro das vivências negras brasileiras, com esse corpo sendo território político, marcado por narrativas entre preconceitos e resistências, a idade aparece como importante eixo simbólico, conectando tempos de ontem, hoje e amanhã, em corporeidades historicamente marcadas por um Atlântico que mais aproxima do que afasta, que carrega, em si, um universo de construções subjetivas dos sentidos de experiência.

Ancoradas no plano do sensível, as heranças culturais agregam percepções que misturam histórias pessoais e de origens com sentidos de coletividade que se conectam com os sentidos das próprias trajetórias individuais cotidianas das vidas das pessoas. Assim, os corpos dos mais velhos carregam sotaques contados e cantados, principalmente por mulheres que, nas culturas africanas e afro-brasileiras, são consideradas as guardiãs das tradições, e evidenciam como forma de conhecimento e recurso narrativo, construindo e reconstruindo memórias e histórias.

Constituindo-se como sujeitas em um grau de pertencimento que agrega e fundamenta tanto suas presenças quanto estruturam a própria existência das manifestações em si, colocam-se como interlocutoras da ancestralidade, ativadoras e transmissoras das vivências e conhecimentos. Esse agenciamento extrapola qualquer sentido de vitimização, traz destaque e poder, por uma participação fundamental e fundante, que carregam, como diz Muniz Sodré (1983), acerca dos corpos negros, "um sentimento de raiz tradição (...) sendo autopreservação e continuidade cultural". (Theodoro, H. In Mulheres Negras e suas trajetórias, p. 83, apud. Massembas de Ialodês, 2018).



(...) o lugar dos mais velhos é onde eles quiserem, pois não são lugares fixos e sim reconstruídos permanentemente por suas experiências e vivências (...)

Por fim, cabe destacar que se o tema central desse artigo é trazer apontamentos que mostram os deslocamentos e a mobilidade social, baseada em mobilidade etária, nas manifestações culturais, artísticas e religiosas de tradição afro-brasileiras, o mais importante é afirmar que o lugar dos mais velhos é onde eles quiserem, pois não são lugares fixos e sim reconstruídos permanentemente por suas experiências e vivências, mas atentando que esses lugares estão garantidos pelos laços de solidariedade, respeito e, principalmente, pela própria manutenção e continuidade dessas manifestações que não existem, não funcionam, não continuam sem os mais velhos, que são potentes transmissores, pois "o corpo culturalmente negro vive a plenitude do existir no rito, num aqui e agora, que possibilita integração de corpo e alma" (Theodoro, H. In *Mulheres Negras e suas trajetórias*, pg.84, apud. *Massembras de Ialodês*, 2018), e impactado pela idade, as vivências e experiências. Tudo isso por que, como nos diz um provérbio yorubá, grupo social e linguístico da África Ocidental, "Cada velho que morre é uma biblioteca que fecha".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. , 6ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FAUSTINO, Carmem; FREITAS, Maitê; VAZ, Patrícia (org). Coleção sambas escritos. São Paulo: Pólen, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- OLIVEIRA, Eduardo. Cosmvisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.
- _____. Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- OLIVEIRA, Luís Cláudio de. Famílias negras centenárias: memórias e narrativas. Rio de Janeiro: Mar de Ideias Navegação Cultural, 2016.
- SILVA, Vagner Gonçalves da (org). Artes do corpo. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.